

Romances censurados na ditadura militar portuguesa: erotização do corpo e do desejo feminino em *Vinte anos de manicómio*, de Carmen de Figueiredo

*Censored novels in the portuguese military dictatorship: eroticization of the body and
of the female desire in Vinte anos de manicómio by Carmen de Figueiredo*

Ana Flávia Silva OLIVEIRA*

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aldinida MEDEIROS**

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO: O presente artigo trata-se de um estudo sobre o romance *Vinte anos de manicómio* (1951), da escritora portuguesa Carmen de Figueiredo. Desse modo, buscamos analisar como a representação do feminino, por meio da escrita, configura-se enquanto ferramentas de subversão. Além disso, analisamos de que forma essa suposta subversão contribui para dar visibilidade às personagens femininas, configurando-se, assim, como uma escrita transgressora. Ademais, o trabalho é fruto de uma pesquisa teórico-crítica, com base bibliográfica e de cunho interdisciplinar, pautada nos textos de Ferreira (1996); Pedrosa (2017); Silva (2010; 2011); Xavier (1999); e Zolin (2010). Em síntese, diante da leitura da obra, constatamos que, a mulher representada no romance da época do regime político ditatorial salazarista é dissonante dos estereótipos femininos determinados pela ideologia do patriarcado; sendo, portanto, considerada como transgressora da ordem vigente. Assim sendo, isso configura a escrita subversiva e transgressora de Carmem de Figueiredo em razão da erotização do corpo e do desejo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Feminina. Escrita Subversiva. Erotização. Carmen de Figueiredo.

ABSTRACT: This paper is a study about the novel *Vinte anos de manicómio* (1951) by the portuguese writer Carmen de Figueiredo. In this way, we have sought to analyze how the

* Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), em Campina Grande, PB, Brasil. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Monteiro, PB, Brasil. Graduada em Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Monteiro, PB, Brasil. Integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/CNPq). Professora permanente da Rede Estadual de Pernambuco/Secretaria de Educação e Esportes, em Sertânia, PE, Brasil. E-mail: flavioliveirapb@gmail.com

** Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN; pós-doutorado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), em Coimbra, Portugal. Professora permanente e orientadora no Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, PB, Brasil; professora associada I, no Departamento de Letras do Centro de Humanidades da UEPB. Pesquisadora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA) da Universidade de Nova de Lisboa, Portugal. E-mail: aldinidamedeiros@gmail.com

representation of the feminine, through writing, is configured as a tool of subversion. In addition, we have analyzed how this supposed subversion contributes to giving visibility to female characters, thus, configuring itself as a transgressive writing. Furthermore, the work is the result of a theoretical-critical research, with a bibliographical and interdisciplinary basis, guided by the texts by Ferreira (1996); Pedrosa (2017); Silva (2010; 2011); Xavier (1999); and Zolin (2010). In summary, upon reading the work, we have found that the woman represented in the novel from the time of the salazarist dictatorial political regime is dissonant from the feminine stereotypes determined by the ideology of patriarchy; and it being, wherefore, considered as transgressors of the current order. Therefore, this configures the subversive and transgressive writing by Carmem de Figueiredo due to the eroticization of the female body and desire.

KEYWORDS: Feminine Representation. Subversive Writing. Eroticization. Carmen de Figueiredo.

Considerações Iniciais

No atual cenário dos estudos acadêmicos, as discussões sobre a representação da mulher na escrita de autoria feminina têm se tornado cada vez mais frequentes, justamente, devido ao destaque que as escritoras vêm conquistando no mercado editorial, assim como, no meio social no qual elas estão inseridas. Ressaltamos que tais conquistas são frutos de uma trajetória de lutas e de movimentos sociais, políticos e intelectuais em defesa dos direitos das mulheres, ocorridos ao longo da História – a exemplo do movimento feminista, originado na década de 60 do século XX e que progride com as suas discussões nos dias atuais; desdobrando-se em diversas categorias ou vertentes, tais como: o feminismo branco, o feminismo negro, o transfeminismo e o ecofeminismo.

Com o surgimento da crítica feminista, a partir dos anos 1970, as obras literárias escritas por mulheres, bem como, os seus enredos, temáticas e personagens, passam, também, a ser objetos de grande interesse de pesquisa dos críticos de Literatura. Assim sendo, para Zolin (2010), a crítica literária feminista e o feminismo compreendido como pensamento social e político da diferença, “surge nesse contexto com o intuito de desestabilizar a legitimidade da representação ideológica e tradicional da mulher na literatura canônica” (Zolin, 2010, p. 185). Diante disso, compreendemos que essa desestabilidade ocorre porque a ficção de autoria feminina passa a representar as mulheres fora do espaço orquestrado pela ideologia masculina – uma vez que, com isso, essas narrativas romanescas fogem dos moldes e preceitos do sistema patriarcal vigente por abordar temáticas que provocam, desafiam e incomodam o androcentrismo; sendo

consideradas, dessa forma, como obras que rompem com os preceitos e padrões impostos pelo Cânone Literário Ocidental.

Isso posto, tratando-se, especificamente, da Literatura Portuguesa, quando direciona as suas pesquisas para a escrita feminina, Magalhães (1995) delimita o seu *corpus* de análise com obras públicas posteriores à Revolução de 25 de Abril¹, ocorrida naquele país; considerando, portanto, as obras publicadas a partir de 1970. Para este estudo, estamos compreendendo escrita de autoria feminina, a partir da concepção de Isabel Alegro de Magalhães (1995), como escrita produzida por mulheres. Dessa maneira, a pesquisadora afirma que:

Será importante fazer notar o facto de, nas últimas décadas [do século XX], ter surgido um tão elevado número de escritoras – e tantas delas de valor incontestável – e um tão vasto corpo de obras de ficção narrativa. Facto que se torna particularmente expressivo num país onde não houve (nem há) movimentos sociais de mulheres significativos e onde praticamente se não fez uma reflexão teórica consistente sobre questões relativas à identificação de uma identidade do feminino (Magalhães, 1995, p. 24, acréscimo nosso).

Entretanto, em nossa ótica, o fato de haver uma predominância da crítica literária em debruçar-se nas produções das últimas décadas do século XX, acaba por excluir obras igualmente importantes de épocas anteriores com os mesmos traços presentes em escritas atuais – como o erotismo e a sexualidade, conforme acontece em romances de Carmen de Figueiredo, escritora que teve sua produção mais exponencial nos anos de 1950, mas que não recebeu a devida valorização literária que merecia.

Portanto, defendemos a ideia-tese de que produções literárias que apresentam características de uma escrita feminina subversiva – por fugir dos estereótipos determinados pela ideologia do patriarcado –, se fazem presentes no território português antes mesmo da década de 1970. Pois, tais características podem ser observadas quando nos debruçamos sobre as obras de Carmem de Figueiredo, que teve produções ficcionais

¹ Também denominado de Revolução dos Cravos, foi um movimento político e social que derrubou o regime ditatorial salazarista do governo português, em 25 de abril de 1974. A ditadura salazarista durou 48 anos e que, segundo Rosas (2012, p. 17): “A repressão é a resposta para a minoria que não respeita os sinais, as regras explícitas ou implícitas, as rotinas do enquadramento, da submissão, da conformação à ordem estabelecida” (Cf. ROSAS, Fernando. *Salazar e o poder: a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China, 2012).

tão significativas quanto autoras contemporâneas, com obras analisadas a partir dos estudos oficiais acerca da escrita de autoria feminina com aspectos subversivos.

Logo, buscando contribuir com pesquisas de análise literária que se voltam para essa escrita de autoria feminina, o presente artigo destaca aspectos da representação da mulher no romance *Vinte anos de manicômio!* (1951), da escritora portuguesa Carmen de Figueiredo. Assim, o nosso objetivo é analisar as particularidades que podem levar o estilo da referida autora a ser considerado subversivo e de que forma essa suposta subversão contribui para dar visibilidade às personagens femininas; colocando-as, desse modo, no centro das relações familiares e apresentando atitudes transgressoras, simplesmente, por não corresponderem aos ideais patriarcais e socioculturais estabelecidos pelos códigos sociais vigentes em sua época.

O romance retrata, inicialmente, a trajetória de Joaquim Bento e de sua esposa Lídia. Joaquim trabalhou no Brasil, juntou dinheiro e conseguiu construir uma casa em uma aldeia de Portugal. O patriarca recebe uma proposta do compadre Laurentino, pai de outra personagem, Macário, para ser seu sócio em uma mercearia. Depois disso, o casal muda-se para Lisboa com a filha Lourdes. A partir desse momento, a narrativa volta-se para a vida quotidiana da família, mostrando, sobretudo, a relação de dominação patriarcal de Joaquim em relação à filha. Esta que, ainda adolescente, se envolve com Paulo Macário e para afastar a filha do ‘mau caráter’, o pai realiza o casamento dela com João Lúcio, rapaz que trabalhava em sua mercearia.

Da união de ambos, nasce Maria Angela. Com isso, inicia-se um segundo momento na narrativa, passando a ser explorado o cotidiano dessa nova família, mostrando-se agora que, mesmo casada, Lourdes continuava seu envolvimento com Macário. Quando João Lúcio, que sempre desconfiou da infidelidade da esposa, finalmente, descobre a traição, fica em estado de choque. Aproveitando-se da situação, a sua esposa o interna como louco em um manicômio, de onde ele só sai após vinte anos, com a ajuda de António, seu futuro genro.

Para tanto, o encaminhamento metodológico centra-se em estudos acerca dos temas, realizados através de pesquisa bibliográfica e, a partir do método da crítica textual, realizamos uma abordagem de interpretação do texto literário escolhido como *corpus* para a pesquisa, respeitando as suas peculiaridades estéticas. Para embasar a análise, nos

valemos dos estudos teóricos, dentre outros, de Zolin (2010); Silva (2010; 2011); Pedrosa (2017) e Ferreira (1996).

Ademais, tomamos a subversão como categoria teórico-metodológica, a partir da perspectiva adotada por Silva (2010), a saber, a subversão como uma oposição à ordem falocêntrica, misógina, androcêntrica e patriarcal, não deixando de considerar, também, como uma insubordinação às normas sociais estabelecidas pela classe dominante – uma vez que esse pode ser um dos motivos pelos quais a sua escrita passou tanto tempo silenciada pelo Cânone Literário, visto que esse, por sua vez, também reverbera a ideologia do patriarcado na validação das obras literárias pela Crítica Literária. Outrossim, buscamos em *Vinte anos de manicómio!* (1951), as marcas de subversão que podem apontar e validar a narrativa de Carmen de Figueiredo (1951) como uma escrita desautorizada e subversiva por destoar dessa ideologia falocêntrica, patriarcal e sociocultural estabelecida pelos preceitos, regras e moldes propagados pela sociedade portuguesa no auge da Revolução dos Cravos.

1 Uma mulher destemida, uma autora audaciosa

Carmen de Figueiredo é o pseudônimo de Carmelinda Miolet Morena de Figueiredo, nascida em 1916, conforme registro do Dicionário de Escritoras Portuguesas, organizado por Flores; Duarte e Moreira (2009). Porém, há desencontro de informações com relação ao nome da romancista, pois em correspondência trocada entre Carmen de Figueiredo e Alfredo Pimenta, o nome da portuguesa aparece como Carmelinda Niolet Moura de Figueiredo e/de Matos Gomes. A ficcionista e poetiza portuguesa possui uma vasta produção literária, todavia, mesmo tendo recebido uma atenção especial da mídia na ocasião da publicação de suas obras e atuado na imprensa lusitana, a autora, assim como tantas outras, acabou esquecida pelo grande público.

A autora teve uma produção literária extensa (quinze romances, três livros de contos, uma novela) e publicou mais de doze mil contos na imprensa portuguesa, regra geral no “Diário de Lisboa” e no “Diário Popular” [...]. Para além disso, fundou a “Mosaicos-Revista”, onde foi editora e directora, e onde fez trabalhos de maquetagem e paginação, tendo ainda feito desenhos, contos e artigos, alguns publicados com o seu nome literário, outros com pseudónimos que adoptou (Pedrosa, 2017, p. 122).

Uma portuguesa também descendente de brasileiros – neta de índia e filha de pai brasileiro, a romancista em estudo pertence a um grupo de mulheres escritoras que tiveram pouquíssima visibilidade e reconhecimento no que diz respeito às suas obras literárias. É verdade que para o período em que viveu, alcançou uma certa notabilidade. Mas não assentou, na literatura portuguesa, o devido lugar. Conforme ela nos faz saber, aos doze anos:

era já a ‘secretária’ de meu Pai. Lia toda a correspondência. Lia os jornais, as Revistas e os pesados Catálogos, que pareciam figurinos e chegavam, alguns de Cidadesde Países distantes. Respondia às cartas. Meu pai ditava essas respostas com uma tristeza que se ia agravando. (Figueiredo, 1997, p. 27).

Esta informação nos leva a crer que desde cedo tem altivez para o trabalho, além, obviamente, de ter recebido uma educação esmerada. Adulta, realiza um péssimo casamento o qual, pela sua narrativa, compreendemos tratar-se de um amigo dos seus irmãos. Pelas descrições, sofreu intensa violência doméstica: “O homem embriagado derrubava cadeiras, quebrava jarras, dava pontapés nas portas, preparando-se para o ataque frontal, com frases raivosas a saltarem-lhe da boca a espumar” (Figueiredo 1997, p. 43). O marido não satisfeito em lhe bater, humilhava-a; apesar disso era bem aceito na família, o que dificultava a vida da escritora. Foi um longo padecimento, um ‘caminho de calvário’, lembrando já o título de seu primeiro romance.

Apesar de ter suas primeiras obras datadas nos anos de 1940 e se prolongando até 1980, como mostra o vertente do *Dicionaria de Escritoras Portuguesas* de Flores; Duarte e Moreira, sua produção mais significativa situa-se na década de 1950, pois é nesse período que a escritora recebeu o Prêmio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências de Lisboa, em 1954, pela publicação do romance *Criminosa*, além de ter escrito, os romances *Famintos*, em 1954 e *Vinte anos de manicômio!*, em 1951, ambos censurados pela PIDE². De acordo com Pedrosa, os romances foram censurados por apresentarem descrições sexuais explícitas em seu enredo. Porém “vários censores literários não contestavam exactamente os conteúdos das obras, mas antes as suas autorias: [...] o mais problemático era que os textos tivessem sido escritos por mulheres” (Pedrosa, 2019, p. 118). Um

² Polícia Internacional e de Defesa do Estado, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente. De acordo de Rosas (2012, p. 13), o salazarismo passou por três etapas, “a Ditadura Militar (1926-1933), o Estado Novo salazarista que dela saiu (1933-1968) e a ponta final do marcelismo [...] (1968-1974)”. A PIDE, portanto, teve sua atuação e vigor no auge do Estado Novo.

exemplo dessas descrições sexuais explícitas pode ser identificado na seguinte passagem do romance, ocasião em que é narrada uma lembrança da juventude de Joaquim Bento:

Oh! Quantas vezes se masturbara ele [...] masturbara-se, sim, furiosamente, pensando, doido, nas formas promitentes e esplêndidas dessa mulher, sem querer provocante, que não tinha homem, e a aldeia em peso acabara por apontar o dedo, por ela ter aparecido de barriga à boca, sendo como era viúva... masturbara-se, violento e frenético, possesso de desejos insensatos, que iam abrindo ao seu instinto de adolescente saudável, clareiras vermelhas, onde vislumbrava sensações de intenso prazer carnal! (Figueiredo, 1951, p.16).

Por esse motivo, consideramos que há em *Vinte anos de manicômio!* (1951) uma escrita desautorizada, uma vez que, contraria normas e padrões de comportamento da época, pois não apresenta os temas ‘ideais’ para a sociedade vigente, que não reconhece na mulher um indivíduo dotado de direitos e a considera inferior ao homem.

As temáticas abordadas por Figueiredo revelam-na como uma mulher destemida e uma escritora audaciosa e já nos direcionam para uma escrita subversiva, uma vez que perturba a ordem estabelecida, recusa e transgride a estrutura patriarcal da família. Ademais, trata-se de uma mulher a escrever sobre sexo, termo que por si só já era tabu em uma sociedade regida por valores masculinos. Nesse sentido, Carmen não apenas viola os ideais patriarcalistas, como também toda uma ideologia de gênero que repreendia qualquer manifestação feminina ao falar sobre sexo, especialmente, de forma tão explícita.

2 Censura à escrita subversiva de *Vinte anos de manicômio!*

No que se refere às mulheres retratadas no romance, Carmen de Figueiredo confere-lhes uma subjetividade, dotada de desejos, com sexualidade aflorada deixando transparecer um certo tom de erotismo. Sendo assim, pensando o erotismo ou a presença da uma sexualidade como uma das marcas de subversão presente na escrita de autoria feminina, conforme ideia defendida por Silva (2010), podemos observar essa presença no romance em análise.

É importante destacar, corroborando Silva, “o fato de a sexualidade sempre ter sido uma espécie de ‘negócio’ pouco discutido porque ‘feio’, ‘imoral’, ‘de pessoas de má índole’” (Silva, 2010, p. 57), por isso, por mais que a sexualidade em Figueiredo seja

subliminar, se torna de grande relevância, no que tange à subversividade, em virtude do contexto sociocultural em que é levado ao público.

Observamos que há no livro, para cada personagem feminina, um tipo de perfil de mulher. Ela retrata, por exemplo, Lúcia como boa filha, mãe omissa, doente e recatada. A professora Manuela como promíscua, um mau exemplo. Dona Luíza, a dona da pensão, como uma mulher que se vendia. Lourdes como leviana, desvairada, adúltera, má mãe. Maria Angela como alguém resgatada da má influência, medrosa. Judith Mistral, a suposta espiã, como misteriosa, desejada, assassina. Cristina, que se torna sogra de Maria Angela, é retratada como recatada, esposa exemplar e boa mãe. E a mãe de João Lúcio como santa, realmente de uma forma divina.

Vemos que a escritora desejava explorar vários aspectos da personalidade feminina. Todavia, a atenção maior recai sobre a personagem Lourdes, visto ser esta que mais se afasta do estereótipo de mulher esperado para a sociedade da época. Dessa forma, temos em Lourdes um exemplo de representação que não age em conformidade com as convenções. Descrita pela autora como leviana, desvairada e adúltera, desde criança transita por ambientes que favorecem o despertar de sua sexualidade. Para a narradora, a sexualidade é inerente à natureza de Lourdes, conforme relata no início do romance.

Lourdes era demasiado ladina para os seus novo anos incompletos. Aparte os momentos de tocante ingenuidade, em que embalava com doçuras infinitas a horrível boneca de trapos, Lourdes apresentava já no rosto fresco, a nódoa vermelha que não engana. E, se bem que a puberdade devesse estar longe, no seu poito de criança, desenhava-se já, nítidos e altivos, os dois botões de carne prometedores dum seio perturbante – altar de promessas numa catedral de paixões (Figueiredo, 1951, p. 43-44)

Levando em conta o trecho citado, podemos considerar mais um aspecto de subversão presente em *Vinte anos de manicómio!*: o fato de a escritora retratar aspectos da sexualidade de uma criança de forma erotizada.

Com a mudança dos pais para Lisboa, a menina permaneceu na aldeia, por uma temporada com a professora Manuela. “Lourdes, apesar da sua pouca idade, era diariamente iniciada por ela, nos segredos perigosos dos palpitantes anseios da sua carne de fêmea desejosa e pervertida” (Figueiredo, 1951, p.51). Promíscua, Manuela faz de Lourdes a portadora dos recados que envia ao colega de trabalho, homem casado com quem mantinha um relacionamento amoroso.

Os beijos sôfregos, impregnados de lascívia que Manuela enviavam ao amante, recebia-os Lourdes na tímida boca escarlate e húmida. As promessas de intenso prazer, as lembranças de horas desvairada e lúbricas, arrepiantes de paixão exacerbada, faziam andar à roda, em louco redemoinhando, o cérebro enfebreado da pequena Lourdes. E, caso, curioso, ela já adivinhava, com sua precocidade espantosa, todos os mistérios! (Figueiredo, 1951, p.51).

A partir dos fragmentos supracitados, observamos que, por meio das temáticas que contrariam o sistema político salazarista vigente – como o adultério e paixões proibidas –, evidenciamos uma sobreposição do desejo feminino. Em seu livro intitulado *Images of women in literature* (1991), Mary Anne Ferguson investiga as diversas formas de representações de mulheres na literatura. A autora argumenta que as mulheres são limitadas e definidas com base em estereótipos que tomam como ponto crucial a relação da mulher com o homem. Figueiredo (1951) rompe com tais limitações, visto que sua protagonista se distancia das imagens tradicionais de mulheres representadas na literatura, que, convencionalmente, partem de personagens que se ligam ao papel de mãe, esposa, deusas, rainhas e essas imagens muitas vezes negam a sexualidade feminina.

Desse modo, o comportamento subversivo das personagens femininas, tão repreendidos pelo corpo social, provoca aversão à classe dominante, especialmente por prestar um desserviço à sociedade, já que o esperado da literatura feita por mulheres da época, seria uma espécie de literatura educativa, a exemplo das novelas cor-de-rosa, conforme aponta Ferreira (1996), nas quais prevalecessem a imagem da mulher “anjo-do-lar” e a subjetividade feminina nesse retrato é totalmente apagada.

Lourdes é quem melhor representa essa conduta insubordinada. É com essa personagem que a escritora desconstrói o ideal de família e o modelo de dominação patriarcal. Quando vai ao encontro dos pais em Lisboa, Lourdes se torna, nas palavras da narradora, a pervertedora das colegas mais velhas do liceu e se transforma em uma das mais petulantes moças de Lisboa. “Após o liceu, surgira Paulo, com suas carícias pecaminosas, despertando nela a forte tara duma sensualidade doentia” (Figueiredo, 1951, p. 156). Em sua vivência em Lisboa, Lourdes continua vivenciando a seu amadurecimento precoce no convívio com as relações sexuais dos pais, como exemplifica a seguinte passagem:

E a posse consumava-se, e, do acto, apenas um minuto sentia aquele aprazer físico que é morte e é vida, delírio e quebranto, que tanto faz desmaiar, tombando corpo e

alma em delíquio agudo de luxúria, ou esfrangalha nervos, lassos e tontos os sentidos, pela bebedeira da paixão. Lídia, porém, nada sentia, a não ser uma tortura inexplicável. As faces incendiavam-se-lhe e a boca queria estalar-lhe em gritos. É que ela adivinhava, com o seu apurado sexto-sentido de mulher, que no escuro, estendida e imóvel no estreito divã ao lado, a filha estava desperta. Não se enganava. Lourdes revelava em tudo uma precocidade espantosa e aterradora. Na sua alma infantil, ela visionava já tudo o que era vida, nos seus mínimos detalhes (Figueiredo, 1951, p.64).

No romance em estudo, a erotização do corpo e do desejo feminino é uma forma de subverter a ordem e, por isso, desestabiliza as certezas complacentes da cultura patriarcal, levando-o a sua censura. Pois, tal cultura nega a sexualidade feminina, com acusações de ser algo prejudicial ao controle social, principalmente quando esta aparece desassociada de objetos do desejo masculino.

Ainda adolescente, a jovem perde a virgindade com Paulo Macário, homem muito mais velho do que ela. Quando Joaquim Bento descobre os atos da filha, almejando evitar um escândalo, planeja o seu casamento com João Lúcio, moço trabalhador e apaixonado pela jovem. Para se livrar da dominação do pai, que batia nela, aceita o acordo de matrimônio. Como é possível perceber no excerto seguinte, Lourdes não mantinha consideração alguma pelo marido:

ansiosa e encantada pela aproximação da Hora em que pela segunda vez a sua virgindade seria cortada, como flor bizarra com pétalas de sangue... Sim, que ela estava certa que, era de novo virgem, graças aos *pontos* de sabedora parteira... Amor ou interesse carnal pelo João, não sentia. Nem sequer o frêmito leve de uma banal atração física a sacudia de leve. Ele era um pobre diabo taciturno, que nunca poderia ou saberia fazê-la vibrar (Figueiredo, 1951, p.88).

É evidente que, no decorrer da História, muitas mulheres, assim como Lourdes, aceitavam um casamento por conveniência, principalmente para fugir de escândalos quando perdiam a virgindade. No entanto, nas narrativas literárias da época de Carmem de Figueiredo, essas mulheres, em sua maioria, são ingênuas e românticas e tornam-se submissas e dependentes do marido. Lourdes, ao contrário, entrega-se a Paulo Macário por luxúria, e não apenas não se submete ao marido como o despreza, o humilha e o interna em um manicômio para poder viver livremente sua vida desregrada.

Para Xavier (1999), até metade do século XX, a “crítica oficial, com raras exceções, atribuiu um estatuto inferior a mulher escritora e cobrava dela formas consideradas mais adequadas à ‘sensibilidade feminina’” (Xavier, 1999, p. 18). Por essa perspectiva, entendemos que a narrativa de Carmen de Figueiredo, em *Vinte anos de*

manicômio!, já não obedece a tais formas de adequação, em razão de tratar de temas considerados tabus como virgindade, prazer, a traição e a sexualidade feminina em uma época de Ditadura. Dentro dessa concepção de não adequação temática à ‘sensibilidade feminina’, após o casamento, iniciam-se as descrições das relações extraconjugais de Lourdes, nas quais predominam a realização de um desejo carnal, visto que não existira sentimento de amor da parte da esposa.

E, rápido, brutal, curvou-se mais, dobrou-a pelos quadris, como vime, estendeu-a mesmo ali no cimento morno, ajoelhando-se ávido e sedento sobre a carne palpitante que mordeu, voraz, sorvendo-lhe na boca beijos dum requinte cru, completamente dementado pela onda de luxúria amorosa que lhe agitava o sangue, como se um poderoso afrodisíaco o enlouquecesse. Lourdes não queria, mas ia chegando a lume à estopa, com adorável impudor que fazia dela uma mulher vulgar. Lourdes entregava-se, desgrenhada e trágica, possessa dum desvairamento total, queimada por furores de fêmea descontrolada, ao vício de Macário (Figueiredo, 1951, p. 135-136).

É importante destacar que Carmem de Figueiredo escreve em uma época em que as mulheres ainda estavam buscando uma afirmação como escritoras. Algumas, como Sara Beirão, Maria Lamas, dentre outras, já tinham uma atuação na imprensa e contavam com várias publicações literárias, o que lhes dava um lugar de certa notoriedade. Nesse sentido, é significativo salientar que as questões apresentadas no romance já sugerem uma emancipação da mulher em relação ao jugo patriarcal, uma vez que, de acordo com Silva (2010), obras de autoria feminina com abordagens subversivas direcionadas para uma emancipação ou liberação do desejo das mulheres, só são encontradas após meados do século XX. Logo, Figueiredo contraria à ordem vigente retratando mulheres que destoam do ideal da época, com uma sexualidade aflorada, que se deixam arrebatadas pelo desejo e prazer carnal propiciado pelo sexo, como ocorre com Lourdes.

Ademais, a personagem supracitada não demonstra sentimento de culpa, remorso ou arrependimento, ao contrário, com o passar do tempo, os encontros amorosos dos amantes aconteciam na casa do casal, na ausência de Lúcio. Nesta ocasião, Paulo já não tinha atração física por Lourdes, interessava-o o dinheiro que agora recebia em troca dos seus préstimos de amante. “O desejo carnal não o sacudia. Havia muito tempo que os frêmitos do instinto se tinham apagado perante o corpo nu e convulso de Lourdes. Começara, mesmo, de sentir asco pela fêmea intragável e sem educação [...]” (Figueiredo, 1951, p. 166). Como podemos perceber, a personagem, em muitos momentos da

narrativa, é tratada por fêmea, um ser que age pelos instintos, buscando a qualquer custo saciar seus desejos sexuais sem se preocupar com os julgamentos que recebia por parte da sociedade.

Com isso, entendemos que existe no romance estudado, um ‘deixar falar o corpo da mulher’. Ela não mais se apresenta como objeto da dominação masculina e afasta-se do “seu lugar valor”, o lugar de mãe amorosa, esposa dedicada e boa dona de casa convencionados pela sociedade, para realizar-se enquanto mulher na esfera do desejo e do prazer. O estereótipo da mulher que ainda era uma representação própria do olhar masculino é, de certa forma, desconstruído por Carmen de Figueiredo, que coloca em cena uma mulher sem caráter, que sente uma repulsa física indisfarçável pelo marido, despreza a filha e trai sem a menor cerimônia, chegando a pagar ao amante, mais por capricho do que por amor, para mantê-lo ligado a si.

Quando a traição é descoberta pelo marido, ela se utiliza do seu poder de sedução para convencer o médico de que seu marido estaria louco e deveria ser internado em um manicômio. Com o marido internado, Lourdes toma posse dos bens da família e continua sua vida de aventuras. Após ser abandonada por Macário, se envolve com outras homens, até seu falecimento, vítima de um acidente de carro, sofrido na companhia de um novo amante. Após vinte anos de manicômio, João Lúcio é liberado de forma clandestina, pois em um plano elaborado pelo genro do internado e o médico arrependido, o paciente é dado como morto, muda de identidade e vai tentar reconstruir a vida em outra cidade. Porém não consegue se adaptar à sua nova realidade e comete suicídio.

Sobre a importância de Carmen de Figueiredo e sua obra, Oliveira (2022) assim observa:

Possivelmente existem outras produções de escritoras que, assim como Carmen de Figueiredo, questionam os papéis de gênero, no entanto, o fato de em Portugal, até meados da segunda metade do século XX, haver a presença de um cânone literário conservador e a ausência de uma crítica feminista atuante o suficiente para, naquele período, ter conquistado os espaços que se buscava também contribuiu para o desaparecimento dos nomes das escritoras e de muitas mulheres dos anais da História e da Literatura. (Oliveira, 2022, p. 62-63).

A romancista, mesmo censurada, alcançou uma certa notoriedade, embora não tenha sido suficiente para sua entrada e permanência no cânone literário. Em relação as dificuldades enfrentadas por mulheres escritoras, corroborando Virginia Woolf (2020),

compreendemos que, “ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precisa matar, uma rocha que precisa enfrentar” (Woolf 2022, p. 17). Nesse sentido, Medeiros (2023, p. 95-97) reforça que, apesar do significativo resultado alcançado a partir dos Estudos de Gênero, bem como do papel desbravador dos Estudos Feministas, ainda não se alcançou, para muitas escritoras, o reconhecimento que os autores do sexo masculino obtiveram sempre.

Dessarte, escritoras como Carmen de Figueiredo tornam-se relevantes por, em suas narrativas, questionar a distinção clássica o papel homem de na mulher no ambiente público, permitindo reflexões e contestações de comportamentos e da vida social, no que diz respeito a família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão do trabalho, entre outros aspectos.

Considerações finais

Diante do exposto, longe de ser visto pelas autoridades da época como um romance adequado para o público feminino, *Vinte anos de manicómio!* descontrói o ideal de literatura na qual a mulher portuguesa permanece a eterna mãe de família subjugada ao marido e a vida do lar. Isso porque, nos deparamos com uma escrita e uma representação da mulher que não respeita as ‘regras’ da ordem estabelecida pela sociedade, portanto uma subversão em uma escrita desautorizada.

A partir desta análise, constatamos que a subversão que permeia o romance em estudo ocorre, notadamente, por meio da construção ficcional na qual as paixões proibidas, bem como as descrições sexuais se revelam demasiado ousadas para os padrões da época, em especial, por revelar a sexualidade feminina respaldada na expressão do desejo carnal, como ocorre com a professora e, principalmente, com Lourdes.

Como afirma Silva, erotizar “o corpo mesmo quando a sociedade nega esse direito, é uma forma de subverter a ordem, instaurar questionamentos para que novos valores possam ser validados no corpo social” (Silva, 2010, p. 145). Assim sendo, a presença das emanções de desejos em relações condenáveis pela sociedade demarca os aspectos de subversividade em Carmen de Figueiredo. Seja por se tratar de uma mulher com um homem comprometido, como acontece com Manuela, seja por se tratar de uma esposa, conforme ocorre com Lourdes, que ultrapassa os limites da ordem, da lógica

sociocultural e histórica determinada pela dominação masculina, em busca de satisfazer seus desejos sexuais, tendo seu corpo fonte inesgotável de instintivo prazer.

Cabe ressaltar que a subversão presente na obra se torna ainda mais expressiva, em razão de abordar temas desautorizados em um contexto sociocultural em que predomina um sistema de governo opressor. Dentro dessa escrita subversiva trazida à tona por Figueiredo, verificamos que a figura da mulher, enquanto personagem, aparece como sujeito desestabilizador da ordem institucional. Bem como a autora, que sofreu repressão por fazer uso de uma escrita desafiadora ao sistema salazarista, e em decorrência disso, foi censurada pelo poder hegemônico, como uma forma de demonstrar a não aceitação da mulher como escritora e, principalmente, a não aceitação de tais formas de abordagem e representação da mulher na ficção literária.

Compreendemos que, provavelmente, por essa falta de reconhecimento a autora e sua produção literária tenham sido, de certa forma, apagadas pela História e esquecidas pelo grande público português. Apesar do silenciamento, a obra merece nosso olhar analítico, através do qual buscamos trazê-la ao conhecimento do público leitor, colocando-a como significativa representante de uma escrita subversiva.

REFERÊNCIAS

FERGUSON, Mary Anne. **Images of women in literature**. 5. ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1991.

FERREIRA, Ana Paula. Um casamento infeliz ou Os neo-realistas e o feminismo. In.: **Colóquio-Letras**. n. 140-141, abril, 1996. p. 147-155. Disponível em: < <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=140&o=s> >. Acesso em: 08 ago. 2020.

FIGUEIREDO, Carmen de. **Vinte anos de manicómio!** Lisboa: Empresa literária universal, 1951.

FIGUEIREDO, Carmen de. **Jornal de uma escritora realista: do real ao fantástico**. Lisboa: Edição da Autora, 1997.

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares. **Dicionário de Escritoras Portuguesas: das origens à atualidade**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2009.

MAGALHÃES, Isabel Alegro de. O sexo dos textos: traços de ficção narrativa de autoria feminina. In.:____. **O sexo dos textos e outras leituras**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995. p. 15-54.

MEDEIROS, Aldinida. Sara Beirão: entre o romance e o Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas. In: MATOS, Denilson Pereira de. (Org.). **Propagando saberes: ensino, tecnologias, discurso e literatura**. Curitiba: Editora CRV, 2023.

OLIVEIRA, Ana Flávia da Silva. **Famintos... de Carmen de Figueiredo: uma escrita subversiva à luz da crítica feminista**. 2022. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interdisciplinaridade). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

OLIVEIRA, Ana; MEDEIROS, Aldinida. Famintos... e as marcas da subversão na escrita de Carmen de Figueiredo. **Naus - Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais**, N. 01, V. 06. Disponível em: <https://revistas.ponteditora.org/index.php/naus/article/view/806> . Acesso em: 28 dez. 2023.

PEDROSA, Ana Bárbara Martins. **Escritoras portuguesas e Estado Novo**: as obras que a ditadura tentou apagar da vida pública. 2017, Tese (Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2017 (inédita). Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/183612/PICH0178-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 03 out. 2019.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A diferença na autoria feminina contemporânea. In.: ZOLIN, Lúcia Osana; Gomes, Carlos Magno (Orgs.). **Deslocamentos da escritora brasileira**. Maringá: Ed. Eduem, 2011. p. 231-245.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: EduePB, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Questões de Gênero e de Representação na contemporaneidade. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. In.: RAMALHO, Christina (Org.). **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Ed. Elo, 1999. p. 15-21.